

Economia sente o peso dos juros altos

Brasil

Crise na Ásia deixa o País em estado de alerta. Empresários e trabalhadores já acusam os efeitos das taxas elevadas

Ricardo Leopoldo
Da equipe do Correio

São Paulo — O Brasil está em rota de recessão. Se o governo não conseguir baixar os juros — que variam de 43% para 46% — até o final do ano, certamente a economia se contrairá continuamente nos próximos seis meses. Isso significa que os investimentos cairão e o desemprego aumentará.

A avaliação é unânime entre empresários, economistas e líderes de trabalhadores ouvidos pelo *Correio Braziliense*. Depois dos ataques especulativos de investidores internacionais que levaram o Banco Central a queimar na semana passada R\$ 8 bilhões em reservas cambiais, o governo foi obrigado a abusar da política monetária para não desvalorizar o real, o que poderia indicar aos tubarões do mercado que o BC piscou e está com medo.

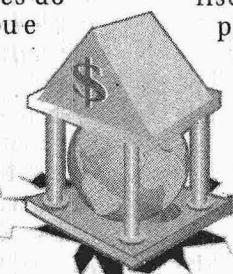
A dose amarga dos juros — admitida como necessária até por líderes do PT, como Aluízio Mercadante — tem fortes chances de não ser reduzida antes de 60 dias, um virtual limite admitido inclusive por autoridades do governo.

"Com todas essas oscilações registradas nas bolsas da Ásia, atingindo agora Coréia e Japão, são poucas as certezas sobre o que vai acontecer aos países emergentes nas próximas duas semanas", comenta Odair Abate, economista-chefe do Lloyds Bank.

DEMISSÃO

Na vida real, os trabalhadores já estão sentindo o bafo da recessão. Na terça-feira, diretores da Brastemp comunicaram à direção do sindicato dos metalúrgicos do ABC que a empresa deverá demitir em breve 500 dos 1.800 funcionários da fábrica de São Bernardo do Campo (grande São Paulo).

"Os executivos da companhia alegaram que vinham produzindo acima da capacidade de absorção do mercado, mas não promoviam dispensas porque acreditavam nas vendas de final de ano. Mas como os juros básicos dobraram eles acreditam que a economia vai ficar devagar. De uma vez só sairão 28% dos operários da indústria. No máximo vamos manter uns 40 postos e conseguir indenizações maiores aos colegas prejudicados", comenta Luís Ma-



rinho, presidente do sindicato.

Para os metalúrgicos de São Paulo, a situação também começa a ficar bem preocupante. Paulo Pereira da Silva, o Paulinho, presidente da entidade que representa os 350 mil trabalhadores na capital, disse que a Continental, fabricante de fogões, já programou férias coletivas para os 2.900 funcionários em novembro.

"Isto é raro, pois as férias, nessa época do ano, ocorrem no máximo em dezembro. Trata-se de um sinal claro de que as dispensas virão antes do esperado", afirmou Paulinho.

O ministro do Planejamento, Antônio Kandir, previa na quinta-feira que as fortes variações das bolsas de valores continuariam por algum tempo. O governo quer desenvolver uma "couraça fiscal" para que o Brasil se proteja de novas ondas de especuladores e consiga derrubar quem está apostando contra o Real.

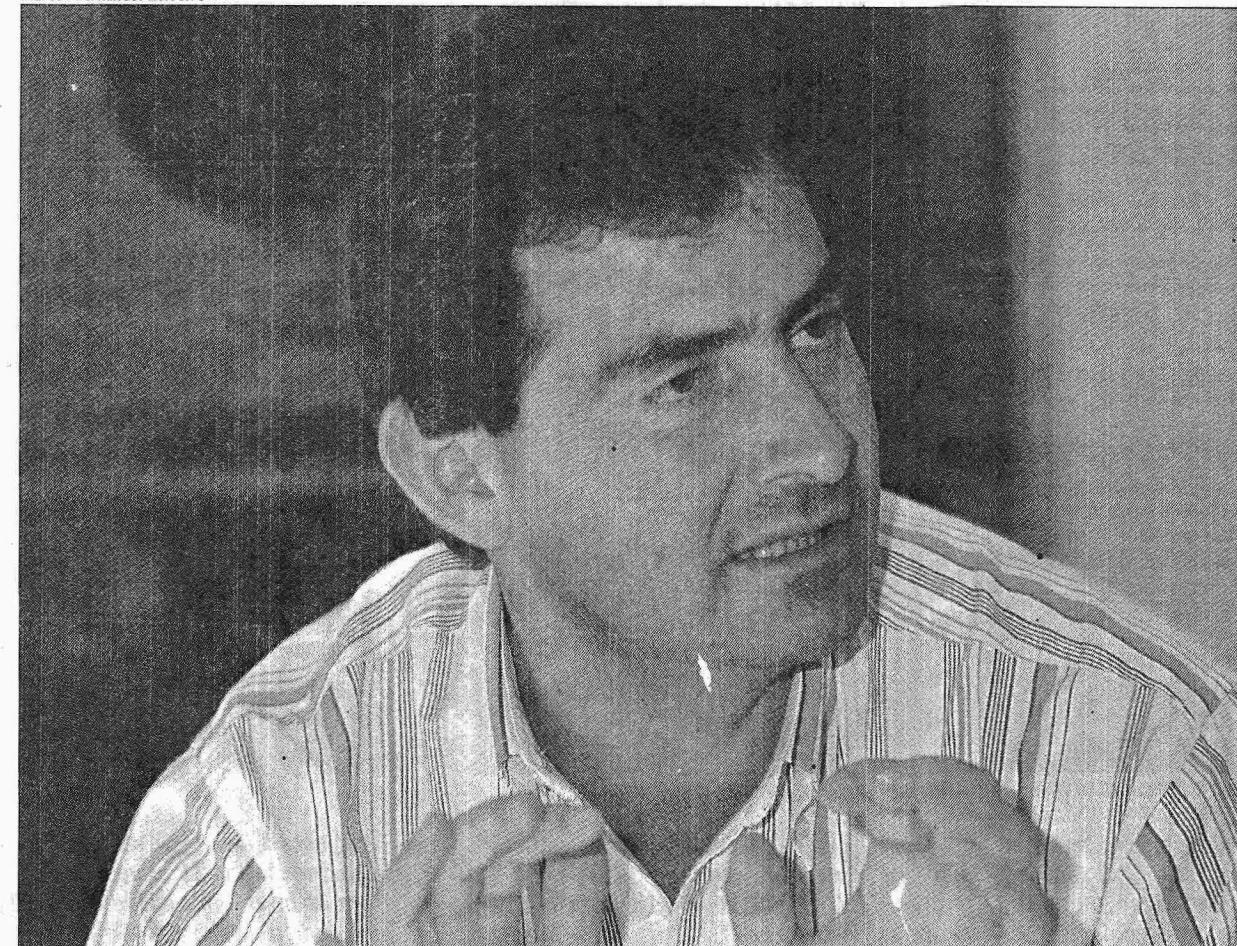
SUPERÁVIT

"Para isso é preciso cortar gastos e aumentar a arrecadação. Queremos para 1998 um superávit primário (receitas menos gastos, sem computar a incidência de juros e correção monetária) mais arrojado do que o 1,5% do PIB (soma das riquezas registradas pelo país em mercadorias e serviços em um ano)", diz Kandir. "Já temos metas para a redução do déficit público, mas creio que não para o déficit de transações correntes (4,3% do PIB)". As transações correntes são todas as movimentações financeiras do país, exceto, basicamente, a entrada de recursos pela conta de capitais.

Para Kandir, as reformas administrativa e da Previdência Social deverão ser aprovadas até o final do ano. Os sindicalistas, economistas e dirigentes empresariais estão muito céticos. Para eles, mesmo que a Câmara e Senado votem a favor do Executivo nessas matérias, os reflexos para o caixa da União surgirão apenas em um ano.

"Seria importante, então, que o governo tentasse fugir da tentação de deprimir a economia. Um bom sinal deveria vir antes do Natal, com os juros caindo dos atuais 3,05% para uns 2,5%", comenta Mário Bernardini, vice-presidente do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo.

Marcos Fernandes 28.06.95



Paulinho: anúncio de férias coletivas em dezembro é um sinal claro de que as dispensas virão antes do esperado

22b